

LEVANTAMENTO DAS NECESSIDADES EMOCIONAIS DAS MÃES E EDUCADORAS DE CRIANÇAS DE ZERO A DOIS ANOS

*Angela Martines Miranda¹
Ana Paula Monteiro Garcia²
Elisabeth Alonso Carvalheira³*

RESUMO

Esta pesquisa, inserida no programa de iniciação científica da FAAT, teve o objetivo de buscar a compreensão das relações e necessidades emocionais de mães e educadoras de creche, de crianças de zero à dois anos. O levantamento foi realizado em creche na cidade de Atibaia, com 13 pessoas, sendo 8 mães e 5 educadoras.

PALAVRAS CHAVE

Mãe; Educadora; Relações e necessidades emocionais.

ABSTRACT

This research has as its objective to pursue the understanding of the relations and emotional needs of mothers and daycare educators related to children from zero to two years of age. The data was collect in a daycare center of the city of Atibaia with 13 subjects, being eighth mothers and five educators.

KEY WORDS

Mother; Daycare educators; Relations and emotional needs.

INTRODUÇÃO

Para suprir as necessidades físicas dos bebês de 0 a 2 anos, a maioria das mães contam com bastante informação, seja atra-

¹ Doutora em Psicologia, coordenadora do curso de psicologia da FAAT.

² Discente do curso de Pedagogia da FAAT, bolsista do PIC/FAAT (Programa de Iniciação Científica)

³ Discente do curso de Pedagogia da FAAT, bolsista do PIC/FAAT (Programa de Iniciação Científica)

vés do pediatra, campanhas de amamentação, conversas com familiares e amigas, ou folhetos e cartilhas entregues nos hospitais, maternidades e postos de saúde. Entretanto, a parte emocional, embora igualmente importante, fica relegada a segundo plano quando não totalmente esquecida, e aqui não estamos falando apenas do emocional do bebê, mas também dos responsáveis por ele.

Muitos teóricos têm tratado do desenvolvimento psíquico e emocional da criança no campo da Psicanálise, da Epistemologia Genética e Teoria Sócio Cultural, porém numa linguagem técnica que foge ao entendimento dos envolvidos diretamente com a mesma.

Em conversa com uma médica pediatra neonatologista, que atende em hospital público e consultório particular, ouvimos que as mães, sejam de classe média alta ou de classe menos favorecida, têm em comum as mesmas dificuldades: medos e angústias sobre como lidar com aquele ser que agora está em suas mãos. Dizem elas que amamentar, dar banho e trocar uma fralda não as assusta, mas sim, como lidar com a parte emocional como: "Quanto tempo carregar no colo?" "Por que ele chora tanto?" "Faz mal dormir no mesmo quarto?" "Devo dar a chupeta?" "Sou má porque não amo meu filho como ouço de outras mães?" "Por que estou deprimida se sempre ouvi que ser mãe é uma benção?"

Baseadas em nossas observações como mães e educadoras e nesses relatos, com a intenção de conhecer as reais necessidades e o que mais aflige e angustia as pessoas responsáveis pelo desenvolvimento saudável da criança, elaboramos uma pesquisa de campo que foi aplicada a um grupo de 13 pessoas, sendo: 2 mães de classe média, 3 mães solteiras adolescentes, 1 mãe de prematuro, 5 educadoras de creche entre monitoras e professoras e 2 mães de classe menos favorecidas, como forma de obter os questionamentos, sentimentos e percepções presentes nesta relação com a criança de zero a dois anos e poder, através deste estudo, subsidiar pessoas que estejam envolvidas com os cuidados de crianças dessa faixa etária.

A partir desse levantamento e baseadas principalmente nos autores Jean Piaget e D.W. Winnicot, procuramos subsidiar essas questões.

O ser humano desenvolve-se como um todo desde sua concepção, sentindo as angústias e os sentimentos positivos e negativos que todos à sua volta emanam, principalmente daquela que o carrega no ventre, sua mãe.

O parto, geralmente um momento de alegria para os pais é, para o bebê, a primeira perda que se dá com muito sofrimento. A partir do nascimento, junto ao desenvolvimento físico que se processa continuamente, ocorrem os desenvolvimentos emocional, psicológico, social e cognitivo, que numa evolução gradual e contínua, serão os responsáveis pela formação de um adulto sadio e feliz.

Na idade de 0 a 2 anos, a mãe ou a pessoa que a substitui, tem que ter a consciência de que está em suas mãos um ser frágil e indefeso, que dela depende para a satisfação de todas as necessidades. E neste momento não são apenas as necessidades orgânicas que devem ser supridas, ao lado delas e com igual importância, existem as necessidades psicológicas e emocionais que obedecem a fases que devem ser respeitadas e exercidas integralmente. Não sendo supridas essas necessidades, podem aparecer no futuro problemas diversos como: baixa auto-estima, não aceitação, dificuldades de socialização e outros.

Essa grande carga de responsabilidade sobre as mães provoca nelas angústias quanto às suas funções que independe de sua idade, situação financeira, grau de instrução ou classe social. Por outro lado, essa angústia é compartilhada por educadoras e monitoras que atendem nas creches os bebês com poucos meses que aí são deixados pelas mães que precisam voltar ao trabalho. Esses profissionais sentem-se co-responsáveis pelo perfeito desenvolvimento daquele "pequeno ser".

Toda pessoa que tem sob seus cuidados uma criança, deve principalmente dar espaço, oportunidade e estímulo de base sócio-afetiva para que ela cresça e oferecer situações de

sucesso, a fim de que ela queira continuar crescendo de forma natural, segura e feliz. E essa competência requer um preparo que dificilmente é oferecido. O desenvolvimento e aprofundamento desta pesquisa, tratamos em três capítulos que são: No primeiro capítulo a gravidez, o parto e o pós-parto. No segundo capítulo a temática dos aspectos emocionais da relação mãe/bebê, segundo Winnicott e a Epistemologia Genética de Piaget. E no terceiro capítulo a pesquisa de campo e análise, buscando a compreensão de como estão as relações emocionais e necessidades no campo dos cuidados das crianças de zero à dois anos.

Capítulo I – O Início de uma Nova Vida

As dúvidas, questionamentos, medos e angústias que acometem as mães têm início antes mesmo do nascimento do bebê, como veremos a seguir.

1.1. A gravidez

Ao lado das múltiplas alterações físicas - temporárias e reversíveis - que ocorrem durante a gestação, a gestante sofre alterações psíquicas e emocionais decorrentes da ação de hormônios da gravidez. Nessa fase de intensa revolução íntima na mulher, estados de medo, ansiedade, angústia, depressão, irritabilidade, falta de tolerância e choro, gerados pela expectativa do parto e da evolução de um novo ser em seu ventre, podem ser "normais" e constantes. Quando isso acontece, o amparo e a compreensão dos familiares e acima de tudo do futuro pai, adquirem um papel muito importante, para evitar que esses problemas se acentuem.

Outra percepção importante pode ocorrer neste momento em algumas mulheres, que é a transformação de seu papel de filha para o de mãe, o que pode gerar conflitos em algumas gestantes (KLOTZEL, 2002). Nessa fase, todo sentimento, positivo ou negativo, emanado pela mãe, ou transmitidos pelo pai ou familiares, podem atingir diretamente o novo ser, devido à sua íntima relação de trocas com todos os envolvidos em sua história, pois... "o início das crianças se dá quando elas são

concebidas mentalmente. É um fato que se manifesta no brincar de muitas crianças, de qualquer idade, após os dois anos." (WINNICOTT, 2002)

Sabe-se hoje que bebês irrequietos, nervosos, são fruto de um período conturbado durante a gestação.(Camacho, 2002). É comprovado que o pequeno feto, já no início do 2º mês, recebe todas as informações emocionais (tristeza, medo, ansiedade) emanadas pela mãe diante das circunstâncias externas (brigas, perdas, problemas conjugais) e as registra em suas células.

Até mesmo a resistência que algumas mães apresentam à aceitação das transformações físicas e psíquicas, exigidas em seu novo papel, são transmitidas ao feto, que as recebe reagindo às mesmas até com manifestações faciais.

A influência das emoções da mãe sobre o feto é tão importante que a ABREP-Associação Brasileira para o Estudo do Psiquismo Pré e Perinatal - foi criada em 1991, para congregar profissionais de áreas afins para promover a permuta de experiências e conhecimentos, além de divulgar informações referentes a este novo ramo do conhecimento. Isso vem confirmar que a gestação, essa fase tão difícil e assustadora na vida da mulher, deve ser bem acompanhada, os pais devem ser bem orientados, pois as marcas registradas no feto durante esse período, vão ficar para sempre.

Entretanto, como ficou evidenciado em nossa pesquisa, uma minoria das mulheres conhece a importância das emoções no desenvolvimento de seus filhos.

1.2. O Parto

Há vários tipos de parto e cada um tem sua história. (NABUCO, 2006)

Há o parto normal, que é o vaginal onde a mulher tem contrações, o colo do útero se abre, a criança entra no canal de parto e a mãe faz força para que ela nasça. O obstetra ajuda a puxar o bebê e depois acompanha a saída da placenta. A mãe fica na posição horizontal, em camas ginecológicas. Essa posição, adotada no século XVIII, pelo médico francês Mauriceau

para comodidade do parteiro, está sendo revista. Na cesárea o parto é cirúrgico. Depois da anestesia é feito um corte horizontal de 10 a 12 cm no abdome e por aí a criança é retirada. O nome vem da lenda segundo a qual o imperador romano Júlio César teria nascido graças a uma incisão na barriga de sua mãe agonizante.

O parto Leboyer é feito na penumbra, com a sala silenciosa, temperatura agradável e o mínimo de pessoas presentes. A criança é recebida com delicadeza, sem tapinhas, e colocada no seio da mãe, antes mesmo do corte do cordão umbilical. Essa proposta foi criada na década de 70 pelo médico francês Frédérick Leboyer, que apresentou o conceito de que o feto já enxerga, ouve vozes e tem sentimentos. De cócoras, é como as índias dão à luz, agachando-se para aliviar as dores. Essa posição é usada há muito tempo e foi resgatada nos anos 70 e 80, pois a posição vertical da mãe acelera a dilatação e o nascimento do bebê. Na água, a mulher dá à luz numa banheira ou piscina aquecida de modo que seus genitais fiquem totalmente cobertos durante o nascimento do bebê. Este parto foi desenvolvido na França pelo obstetra Michel Odent.

Direto no ninho, é como nascem 35% dos bebês na Holanda, por meio do parto domiciliar, realizado em casa, pela via vaginal, com a ajuda de parteiras. No Brasil esse parto é comum na zona rural. O parto humanizado é a grande tendência. Nele o obstetra intervém apenas o estritamente necessário e é cada vez mais realizado no nosso país. O bebê é colocado sobre a barriga da mãe assim que nasce e começa a mamar logo que surge o reflexo da sucção. Acontece em ambiente agradável, com pouca luz e ruído, na posição que a mãe achar mais confortável e com a presença de uma pessoa de sua confiança.

Muitas vezes é a mulher quem decide como será o nascimento de seu filho, entretanto, segundo obstetras, o parto ideal é o parto necessário, isto é, aquele que cause menos sofrimento à mãe e ao bebê e não se conhece trabalho científico que relacione o tipo de parto ao desenvolvimento emocional, sadio ou não, da criança.

1.3. O Pós-parto

O nascimento consiste numa mudança drástica de ambiente, provocando uma série de ajustes dos órgãos do bebê, essenciais para sua sobrevivência. Nessas primeiras horas ele se recupera do estresse do parto e se adapta à vida extra-uterina (DEUTSCH *et al*, 2002). Para a mãe é um momento de muita felicidade e expectativa. Depois de uma longa espera, o bebê vai ficar em seu colo, mamar e ser acalentado em seus braços. Mas é também nessa hora, quando ela sente que aquele ser depende totalmente dela, que podem ocorrer alterações emocionais que variam de intensidade, indo da simples tristeza ou "baby blues", à depressão puerperal ou psicose puerperal.

A tristeza ou "baby blues", é a reação mais simples, mais comum e a menos grave do pós-parto. Entre os possíveis sintomas estão o choro sem motivo aparente, a impaciência, irritabilidade e ansiedade. Podem ocorrer entre o terceiro e quarto dia após o nascimento e desaparecer por volta do décimo dia após o parto. Não há necessidade de tratamento específico e esse estado não interfere na habilidade da mãe em cuidar de seu filho.

A depressão pós-parto ou puerperal incide em cerca de 10% das mulheres que deram à luz. A causa é uma combinação de fatores de ordem biológica, psicológica e social. Alguns dos sintomas são: tristeza profunda, insônia, perda do apetite, excesso ou ausência de cuidados com o bebê, dificuldade em tomar decisões, choro freqüente, perda de memória, sentimento de culpa ou inadequação. É tratável, requer acompanhamento médico e ajuda no trato com o bebê. Já a psicose puerperal é a mais grave e a mais rara das reações pós-parto. É um distúrbio que atinge apenas de 0,1 a 0,2 das mulheres, ocorrendo até três semanas depois do parto. Os sintomas são muito exagerados e caracterizam-se principalmente por agitação psicomotora intensa, confusões mentais, delírio e desvinculação da realidade; requer hospitalização.

Capítulo II – Aspectos Emocionais na Relação Mãe/Bebê

Os aspectos emocionais na relação mãe/bebê são tão importantes que vários teóricos estudaram e escreveram so-

bre o tema. Para este trabalho escolhemos estudos de D.W. Winnicot e Jean Piaget.

O Doutor D.W.Winnicot começou sua carreira como pediatra, depois psicanalista e psiquiatra infantil. Preocupado com a postura técnica adotada pelos profissionais da área médica no trato com o bebê dirigiu seu trabalho à criança como um ser humano e não como um objeto de estudo.

Jean Piaget nasceu na Suíça em 1896. Desde jovem se interessou pelas ciências e seu primeiro trabalho surgiu quando tinha dez anos de idade. Apesar de continuar com seus estudos de biologia tornou-se famoso sobre seus estudos sobre a criança ou mais precisamente sobre a teoria do conhecimento; deixou de lado teorias tradicionais para criar a Epistemologia Genética.

2.1 . Relação mãe/ bebê, segundo D. W. Winnicot

Segundo Winnicot (1999), a história do desenvolvimento infantil é uma história de dependência absoluta, que passa por um estágio de dependência relativa e vai lentamente em direção à independência. Por serem os bebês extremamente dependentes, são afetados por tudo o que acontece à sua volta. Vão armazenando na memória todo tipo de experiências, por meio das quais, ou confiam no mundo ou perdem totalmente a confiança nele.

A origem dos indivíduos se dá quando eles são concebidos mentalmente e faz parte do material de que se constituem, os sonhos e muitas outras ocupações. A vida psicológica do indivíduo não tem início exatamente no momento em que ele nasce e segundo estudos em prematuros e pós-maduros, os psicanalistas concluem que o momento certo do nascimento é o momento do parto a termo, quando o bebê está preparado para abandonar o útero, passando por esse processo de maneira natural. Considerando um bebê que nasceu a termo e com saúde, o Doutor Winnicot fala sobre a maneira que profissionais e pais devem cuidar dessa criança, tratando-a como um ser humano, que necessita muito mais do que apenas cuidados físicos. Ele afirma que cuidar suficientemente bem de

um bebê, é tarefa que toda mãe sabe, sem que seja necessário ensiná-la. E esse saber ela traz de sua condição de criança, que foi um dia, do fato de ter ajudado a cuidar de seus irmãos, além de ter brincado de pai e mãe, quando criança. Segundo ele, isso não se aprende em livros e se uma mãe busca nos livros essas informações, é sinal de que não estava preparada para essa função. Prova disso, é que profissionais que se acham capacitados a ensinar às mães como cuidar de seu filho, se vêem em dificuldades ao ter que cuidar de seus próprios bebês. O conselho que ele dá nesses casos é que esqueçam de toda a teoria e se envolvam naturalmente com seu filho.

A maneira como o bebê é manipulado ou segurado, é tão importante que pode deixar marcas profundas que contribuem para um sentimento geral de insegurança em sua vida adulta. Segurar mal um bebê, para Winnicot, é o mesmo que maltratá-lo e segurá-lo bem faz com que se torne capaz de atravessar sem problemas todas as fases de seu desenvolvimento emocional. Outro fato importante é a maneira como é alimentado. No momento em que mãe e bebê chegam a um acordo quanto à alimentação, estão lançadas as bases de um relacionamento humano. Na amamentação há uma troca que nenhuma mamadeira no mundo possibilita. A maneira como o bebê explora o seio da mãe, vai muito além do simples fato de se alimentar e podemos chamar de adaptação às necessidades, que permitirá àquele ser descobrir o mundo de forma criativa.

As excreções também têm um significado especial para os bebês e também aqui, só as mães sensíveis são capazes de deixar que as coisas aconteçam naturalmente e as interferências de profissionais, quase sempre, se tornam inadequadas. Outra coisa importante para a qual alerta Winnicot, é a necessidade da mãe estar sempre presente, do bebê não se sentir sozinho por muito tempo, de se sentir desejado, amado, amparado.

E quando o bebê não pode contar com a mãe? Podem ocorrer fatos, como a morte ou doença da mãe e nesses casos é importante que haja uma, só uma, mãe substituta, alguém que desempenhe esse papel tão importante na vida dos bebês e

que não exclui o pai, que em alguns casos pode assumir o papel maternal.

2.2. *Relação mãe/bebê, segundo Jean Piaget*

Para Jean Piaget a aquisição do conhecimento está relacionada à organização da atividade mental nos aspectos motor e afetivo. São os chamados “estágios de desenvolvimento”. A construção do conhecimento se dá quando ocorrem ações físicas ou mentais sobre objetos, provocando o desequilíbrio, seguido da assimilação, acomodação e equilíbrio:

ASSIMILAÇÃO - é a incorporação de elementos do meio externo a um esquema do sujeito ou o processo pelo qual o indivíduo capta o ambiente e o organiza, ampliando seus esquemas. Na assimilação o indivíduo usa as estruturas que já possui.

ACOMODAÇÃO - Tendo assimilado os novos elementos, há uma modificação de um esquema ou estrutura que pode ocorrer de duas maneiras:

- a. Criando um novo esquema no qual se possa encaixar o novo estímulo,
- b. Modificando um esquema já existente de modo que o estímulo possa ser incluído nele.

Após a acomodação, a criança tenta novamente encaixar o estímulo no esquema e aí ocorre a assimilação. Por isso, acomodação não é determinada pelo objeto, mas sim pela atividade do sujeito sobre este, na tentativa de assimilá-lo. Esse processo é chamado de adaptação.

EQUILIBRAÇÃO - É o processo da passagem de uma situação de menor equilíbrio para uma de maior equilíbrio.

Para Piaget, é incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento e desenvolvimento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, necessidade e motivação, e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e desenvolvidos. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência (PIAGET, 1962).

Ainda segundo ele, podemos considerar de duas maneiras diferentes as relações entre afetividade e inteligência. A verdadeira essência da inteligência é a formação progressiva das estruturas operacionais e pré-operacionais. Na relação entre inteligência e afeto podemos postular que o afeto faz ou pode causar a formação de estruturas cognitivas.

Capítulo III – Método e Pesquisa

A pesquisa foi realizada com treze mulheres sendo: duas mães de classe média, três mães solteiras adolescentes, uma mãe de prematuro, cinco educadoras de creche entre monitoras e professoras e duas mães de classe menos favorecida. Foi apresentado o questionário e as respostas, que, embora escritas por elas, foram comentadas com as pesquisadoras, que esclareceram algumas dúvidas.

3.1. A pesquisa

Questionário:

- 1- Você tem conhecimento sobre o desenvolvimento emocional do bebê?
- 2- Você se sente preparada para suprir as necessidades psíquicas e emocionais suas e de seu filho ou aluno de 0 a 2 anos?
- 3- Quais as emoções e sentimentos que mais marcaram sua gravidez?
- 4- Quais os questionamentos e/ou dúvidas em relação à criança de 0 a 2 anos?
- 5- Você sabe a importância que a mãe tem na formação da criança nos primeiros anos de vida?

3.2. Os sujeitos

Segue abaixo dados das pesquisadas.

Sujeito 1- M. T., 24 anos, mãe de uma criança com a idade de 4 anos.

Sujeito 2- P.C, 30anos, mãe de duas crianças, de 12 e 1 ano.

Sujeito 3- T., 16 anos, solteira, mãe de um bebê de 6 meses, abandonada pelo namorado quando soube da gravidez.

Sujeito 4- C., 17 anos, solteira, grávida de 8 meses, profundamente deprimida e apresentando rejeição pelo filho.

Sujeito 5- C., 17 anos, solteira, grávida de 7 meses, teve problemas no relacionamento com os pais, mas encontra apoio do namorado.

Sujeito 6- A., 46 anos, mãe de dois adolescentes e professora de educação infantil, estudante de pedagogia.

Sujeito 7- M.M., 22 anos, professora de educação infantil, solteira, sem filhos.

Sujeito 8- A., mãe e professora, casada, 2 filhos

Sujeito 9- M., 35 anos, mãe de prematuro, abandonada pelo marido, desempregada

Sujeito 10- S., 30 anos, mãe e professora, casada, 2 filhos de 9 e 4 anos

Sujeito 11- C., 25 anos, mãe, casada.

Sujeito 12- J., 25 anos, casada dois filhos e grávida do terceiro.

Sujeito 13- M., 21 anos, mãe de duas crianças, casada.

3.3. Resumo das respostas

13 ENTREVISTADAS	1-Você tem conhecimento sobre o desenvolvimento emocional do bebê?	2-Você se sente emocionalmente preparada para suprir as necessidades psíquicas e emocionais suas e de seu filho ou aluno de 0 a 3 anos?	5-Você sabe a importância que a mãe tem na formação da criança nos primeiros anos de vida?
SIM	5	4	8
NÃO	3	4	3
POUCO	4	4	1
MUITO	1	1	1

	3-Quais as emoções e sentimentos que mais marcaram sua gravidez?		4-Quais os questionamentos e/ou dúvidas em relação à criança de 0 a 2 anos?
FELICIDADE, EMOÇÃO, ALEGRIA	4	SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ	3
TRISTEZA, DECEPÇÃO, SOLIDÃO	5	SOBRE LIMITES	3
MOVIMENTOS DO FETO	3	OS SENTIMENTOS DA MÃE INFLUINDO NO FETO	1
NÃO SOU MÃE	1	NÃO QUERO SABER NADA	1
		NÃO TENHO DÚVIDAS, PROCURO SEMPRE ME INFORMAR	2
		SE DEVO MANDAR PARA A ESCOLA	1
		TENHO MUITAS DÚVIDAS	1
		NÃO RESPONDEU	1

3.4. Análise das respostas à pesquisa

1- Sobre o conhecimento do desenvolvimento do bebê e sentir-se emocionalmente preparada para suprir as necessidades emocionais suas e de seu filho, 38% das entrevistadas disseram conhecer e estar preparadas, 24% disseram nada saber sobre o assunto, 30% conhecem pouco e 8% afirmam conhecer muito sobre o assunto. O que notamos nas entrevistas é que, tanto as que conhecem muito como as que apenas conhecem o assunto, receberam as informações nos cursos que fizeram, ou seja, no curso de Magistério e de Pedagogia. As demais não completaram o ensino fundamental.

2- Sobre a importância que a mãe tem na formação da criança, 69% disseram saber e 31% disseram saber pouco ou nada sobre isso.

3- Sobre os sentimentos que mais marcaram sua gravidez, 31% disseram sentir felicidade, emoção e alegria, 23% se emocionaram com os movimentos do feto e para 38% das entrevistadas, os sentimentos foram de tristeza, decepção, medo e solidão.

4- Sobre os sentimentos das entrevistadas em relação à criança de 0 a 2 anos, 93% diz sentir amor, carinho, respeito e orgulho e apenas 7% diz não sentir nada ou não querer sentir.

5- Quanto aos questionamentos e/ou dúvidas em relação à criança, apenas 15% não têm dúvidas ou se as têm procuram se informar, pois gostam muito de ler e pesquisar. As 85% restantes têm muitas dúvidas e dificuldades para saná-las alegando falta de tempo para ler, alto custo dos livros e falta de hábito ou interesse pela leitura.

O que ficou evidenciado nas respostas às perguntas, é que, embora uma parte das entrevistadas, as que têm curso de Magistério e/ou Pedagogia, sintam-se preparadas e conheçam sobre o desenvolvimento dessa faixa etária, quando se vêem com o filho ou crianças que cuidam nos braços, totalmente dependente de seus cuidados, ficam amedrontadas e inseguras.

Conclusão

Percebemos ao entrevistar as mães e educadoras, que mesmo aquelas que dizem conhecer as necessidades emocionais do bebê, desconhecem o quanto sua presença é importante ao perfeito desenvolvimento de seu filho, o valor da amamentação como um vínculo importantíssimo entre ambos, como o simples fato de tomar seu filho no colo, com carinho, lhe transmitirá segurança por toda a vida.

Entretanto, apesar de sabermos da grande importância da mãe nessa fase de desenvolvimento da criança, não podemos esquecer que hoje, com a necessidade da mulher de voltar ao trabalho, deixando seu bebê numa creche ou berçário, ou ainda aos cuidados de uma babá, parte dessa responsabilidade recai sobre as educadoras. Se para a mãe é natural saber cuidar de um bebê, uma educadora que tem sob seus cuidados várias crianças, que não têm nenhum vínculo afetivo com ela, necessita de uma formação especial para desempenhar essa função.

Outro aspecto muito importante e que deve ser considerado, é a situação social, emocional e financeira da maioria das mães entrevistadas. Se a mãe tem que ter tranqüilidade para cuidar do seu bebê, com o carinho e atenção que ele precisa nessa fase, como ficam os bebês cujas mães foram abandonadas pelo companheiro, ou que foram expulsas de casa por terem engravidado sendo solteiras, ou que não desejavam aquele filho por falta de condições até de espaço?

Com embasamento no resultado dessa pesquisa, sentimos que podemos dar uma contribuição para minimizar esse problema, fazendo uma ponte entre a teoria e a prática no trato com a criança. Tentando buscar possíveis soluções na literatura científica e contando com a ajuda de profissionais na área médica e psicológica, nossa proposta seria a elaboração de um manual em linguagem simples, que poderia esclarecer as dúvidas mais comuns no que se refere à relação com a criança de zero a dois anos, que foram apresentadas nessa pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

CAMACHO, Suzy. *Guia Prático dos Pais*. São Paulo: Green Forest, 2002

DEUTSCH, Alice e outros. *A Saúde de Nossos Filhos*. São Paulo: Publifolha, 2002

IGNÁCIO, Renate. K. *Criança Querida*. São Paulo: Antroposófica, 1995

KLOTZEL, Daniel. *A Saúde de Nossos Filhos*. São Paulo: Publifolha, 2002

NABUCO, Cristina. As várias facetas do nascimento. *Revista Meu Nenê*, ano 9, nº 93. São Paulo: Editora Símbolo, 1999

PIAGET, Jean. *A Relação da Afetividade com a Inteligência no Desenvolvimento Mental da Criança*. Texto traduzido por Magda Medeiros Schu. www.ufrgs.br/faced/edu01136/piaget-a.htm/, 1962, acesso em :outubro de 2005

WINNICOT, Donald W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.